



CHEGA DE GENOCÍDIO

APOIO INCONDICIONAL À RESISTÊNCIA DO POVO PALESTINO

**Resistência palestina e solidariedade internacional podem derrotar
o Estado terrorista de Israel. Lula, rompa as relações com Israel!**

Páginas 8 a 10

28 DE NOVEMBRO

PARAR SÃO PAULO CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES

**Dia de greve e mobilização contra as privatizações
de Tarcísio e pela readmissão dos oito metronômicos
demitidos por lutar **Páginas 4 e 5****



CHARGE



FALOU BESTEIRA

“Meus aliados são Estados Unidos e Israel. E tem mais: vou mudar a embaixada de Tel Aviv para Jerusalém”



Javier Milei, presidente eleito da Argentina, aliado de Trump e Bolsonaro.

SOLIDARIEDADE À PALESTINA!

FAÇA SEU CADASTRO NO SITE E BAIXE GRATUITAMENTE OS LIVROS EM PDF:

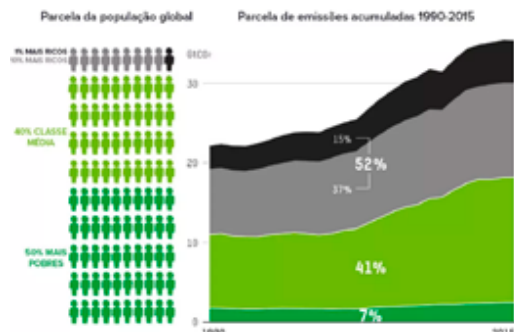


sundermann
WWW.EDITORIASUNDERMANN.COM.BR (11) 9949-5482

AQUECIMENTO GLOBAL

1% mais rico foi responsável pela metade das emissões

Segundo o relatório “Igualdade Climática: um planeta para os 99%”, lançado no dia 19 pela ONG Oxfam, em 2019 os 10% dos mais ricos da população mundial foram responsáveis por 50% das emissões dos Gases de Efeito Estufa (GEE, referindo-se ao dióxido de carbono, ao metano e outras substâncias que dificultam o escape do calor para espaço). Nesse mesmo ano, o 1% mais rico foi responsável pela mesma emissão de carbono que os 66% mais pobres no mundo; ou seja, cerca de 5 bilhões de pessoas. Ainda segundo a Oxfam, as emissões de carbono do 1% mais rico cancelam o benefício gerado



por um milhão de turbinas de vento. Os super-ricos foram responsáveis por 16% de todas as emissões de carbono do planeta entre 1990 e 2019. O relatório foi publicado no mesmo dia que o Observatório Co-

pernicus, agência do clima da União Europeia, registrou que, pela primeira vez, o mundo teve um dia com temperatura média global 2°C acima da era pré-industrial (1850). O dia foi 17 de novembro de 2023.

ARGENTINA

Conan, o bárbaro e seus clones

Javier Milei, o presidente eleito da Argentina, revelou que tem o hábito de conversar com o cachorro. Detalhe: o cão está morto desde 2017. Conan, cujo nome homenageia “Conan, o Bárbaro”, era tratado com champagne e, agora, o espírito canino se comunica por meio de uma médium. Javier Milei tem quatro outros cachorros, apelidados de “filhos de 4 patas”. Os pets receberam nomes de economistas liberais admirados pelo político e são frutos de um processo de clonagem de DNA de Conan. Seus nomes são: Murray, Milton, Robert e Lucas homenageiam três norte-americanos: Murray Rothbard, Milton Friedman e Robert Lucas.



Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica MarMar

CONTATO

FALE CONOSCO VIA
WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

✉ opinioao@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



O governo Lula, as privatizações e a ultradireita

A eleição do ultradireitista Javier Milei, na Argentina, trouxe preocupações aos trabalhadores do Brasil. Não é para menos. Afinal, ele é parte do fenômeno da ultradireita mundial que, apesar das diferenças em cada país, tem muitas coisas em comum.

Este setor defende terra arrasada, acelerar e aprofundar, sem dó, os ataques à classe trabalhadora, aos setores oprimidos, ao meio ambiente e à soberania dos países, como também atacar as liberdades democráticas. Tudo em nome do lucro dos capitalistas. Para isto, também promovem o ódio contra negros, mulheres, LGBTI+ e imigrantes.

O projeto defendido por Milei inclui privatização geral das estatais argentinas, a dolarização da economia e conta com uma vice negacionista dos mortos da ditadura militar daquele país.

“ESQUERDA” REFORMISTA E NEOLIBERAL PAVIMENTA O CAMINHO PARA A ULTRADIREITA

A situação argentina traz dois alertas. O primeiro é que a ultradireita não está morta e está à espreita para voltar ao poder. O segundo, que não adianta os governos capitalistas que se dizem de esquerda governarem o capitalismo em um modo neoliberal mais lento, pois isso não impede o fortalecimento da ultradireita.

Na verdade, o caminho da direita é pavimentado porque “governos de esquerda” defendem medidas que interessam aos monopólios capitalistas e terminam desgastados, piorando as condições de vida do povo, precarizando o trabalho, não enfrentando a pilhagem e a subordinação aos imperialismos; sem conseguir, assim, resolver as necessidades mais básicas.

E isso aduba o solo onde vive a ultradireita. Milei ganhou a eleição depois da derrocada do “governo de esquerda” do peronista Alberto Fernandez.



NÃO HÁ “MAL MENOR”

Neste momento, isso é muito importante. Há uma grande parcela da esquerda que defende que, para derrotar a ultradireita, é preciso apoiar e defender o governo Lula. Mas, quando vemos o que está sendo feito pela ultradireita e pelo Governo Federal, vemos como esta posição, na verdade, leva ao fortalecimento das pautas e demandas da ultradireita.

Há, por exemplo, uma luta em curso contra as privatizações promovidas pelos governos estaduais de São Paulo e de Minas Gerais, nas mãos do Republicano e do Novo, respectivamente. As mobilizações contra as privatizações, marcadas para o dia 28, em São Paulo, e que estão ocorrendo nestes dias 21 e 22, em Minas Gerais, são importantes. Com a luta, é possível derrotar os planos privatistas dos governos estaduais e, também, exigir de Lula a reversão das privatizações já feitas, como a da Eletrobras e impedir novas privatizações.

Ocorre que o governo Lula não é um contraponto aos processos de privatizações dos governos estaduais da ultradireita. Pelo contrário, vem fazendo parcerias na privatizações promovidas nos estados, como

demonstram o financiamento que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) dará para a privatização das escolas paulistas.

Pretendem induzir um suposto desenvolvimento do país, injetando dinheiro público na iniciativa privada. Por isso, o governo anunciou um Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) recheado de recursos públicos e baseado na proliferação de Parceria Público Privadas, que nada mais são que um tipo de privatização, com a diferença que os custos e riscos são assegurados pelo Estado, enquanto os lucros são privados. As multinacionais recebem todo tipo de incentivos e benefícios para abocanhar empresas, se instalarem no país e enviarem seus lucros para o exterior.

Há setores de direita que defendem, abertamente, privatizar tudo, cortando gastos públicos e criando o tal “Estado mínimo”. E há aqueles que se dizem de esquerda, mas que, na prática, também privatizam, só que de maneira diferente. Ao invés de venderem, fazem PPPs. Também defendem uma política fiscal neoliberal; mas, ao invés de cortes diretos dos gastos públicos, como fazia Temer, fazem a mesma coisa através do novo

Arcabouço Fiscal. Defendem até aumentar um pouco os gastos, mas para tentar gerar algum crescimento econômico, remunerando os capitalistas com o orçamento público.

São duas faces da mesma moeda. Embora sejam diferentes, com ritmos diferentes, chegam ao mesmo lugar: um país mais subordinado, desnacionalizado, privatizado, com trabalho precarizado e alguma renda mínima.

Oferecem o mal menor: liberalismo em doses homeopáticas, com pequenas concessões no varejo. Mas, fazem o mesmo jogo do capitalismo em defesa dos interesses dos lucros privados dos bilionários brasileiros e internacionais. Mas, quem se diz de esquerda e, mesmo num ritmo mais lento, faz o jogo da burguesia e do capitalismo, alimenta a ultradireita!

ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA, DE CLASSE E SOCIALISTA

Para acabar com a desigualdade social brasileira é preciso enfrentar os grandes grupos capitalistas. Este é um problema histórico, que remonta à própria origem do país.

Inclusive, o fato do Banco do Brasil ter, comprovadamente,

atuado centralmente na escravidão, possibilitando que acumulasse lucros e capitais, é só a expressão de uma responsabilidade que envolve todos os capitalistas brasileiros e o próprio Estado, submetidos ao imperialismo. Inclusive, não há reparação para o povo negro que não passe por enfrentar os interesses dos ricos e pela expropriação dessas riquezas que nos foram roubadas.

A dominação dos países imperialistas no Brasil é a base da nossa condição de pobreza, atraso tecnológico e desigualdade social. Da nossa condição de subdesenvolvimento e subalternidade econômica, política e social.

Por isso, também é tão importante a luta em defesa do povo palestino. Lula deveria romper relações diplomáticas, econômicas e militares com Israel, que está promovendo genocídio e apartheid. O que o impede de fazer isso não é uma movimentação tática para repatriar os brasileiros. Na verdade, este episódio comprova a subalternidade do Brasil aos interesses dos imperialistas. Esta luta é também parte da libertação do próprio Brasil do domínio do imperialismo.

O desafio político do nosso tempo é que, para entrar de uma vez por todas o perigo de Mileis, Bolsonaros e Trumps, é preciso superar o programa, a estratégia e as táticas desta esquerda capitalista, liberal e defensora da ordem burguesa, que têm hegemonizado o cenário político, até o momento.

É preciso construir uma alternativa dos trabalhadores e das trabalhadoras, que vá à raiz dos problemas; ou seja, o capitalismo, e que signifique não só uma mudança de governo, mas também de sistema. Enquanto a esquerda ficar refém de um campo burguês e da defesa da ordem, cairá no colo da ultradireita a possibilidade de capitalizar este sentimento, ainda que ela seja a parte mais perversa deste sistema.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/470KXLG](https://bit.ly/470KXLG)

PRIVATIZAÇÃO

Em 28 de novembro, São Paulo vai parar contra as privatizações do governo Tarcísio

Readmissão dos oito metroviários demitidos também é parte das reivindicações

DEYVIS BARROS,
DE SÃO PAULO (SP)

O governador Tarcísio Freitas (Republicanos) segue com seu plano de vender São Paulo para que grandes empresários lucrem com a prestação de serviços públicos, mesmo que isso cause desastres, como o apagão patrocinado pela empresa privada de energia, a Enel, que deixou mais de 2 milhões de pessoas sem luz nas últimas semanas.

A sanha privatista do governador é tão grande que ele está buscando concretizar a venda da Sabesp (empresa estadual de saneamento) até o final deste ano. Junto com isso, contratou estudos milionários para privatizar o Metrô e a CPTM (empresa de trens).

Ainda na última semana, Tarcísio anunciou que vai construir 33 escolas estaduais com administração privada. Não bastasse um

currículo cada vez mais voltado para as necessidades do mercado, o governador quer entregar a gestão da Educação diretamente para os empresários.

E vai viabilizar isso utilizando o mecanismo das Parcerias Público Privadas (PPPs), criado pelo primeiro governo Lula, em 2004, e com recursos federais do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES).



Piquete da greve unificada de 3 de outubro no metrô itaquera

PLEBISCITO POPULAR



Povo trabalhador de São Paulo está contra as privatizações

O plebiscito popular promovido pelos sindicatos, com apoio de vários movimentos, partidos e centrais sindicais, como o PSTU e a CSP-Conlutas, recolheu cerca de 897 mil votos. 99,9% desses votaram contra as privatizações. O resultado é uma demonstração de que a população já fez a experiência com os serviços privados e está contra

a venda das empresas públicas.

Não poderia ser diferente. Desde a privatização das linhas 8 e 9 da CPTM, as falhas, panes e descarrilamentos são recorrentes. Já o apagão da Enel foi o caso mais grave de uma rotina de transtornos que a população sofre com a administração privada da energia, em especial nas periferias.

28 DE NOVEMBRO

Vem aí uma nova greve unificada contra as privatizações



Assembléia unificada de preparação da greve de 3 de outubro

No dia 3 de outubro, a greve do Metrô, dos trens e do saneamento parou São Paulo e, segundo pesquisa realizada pelo portal UOL, contou com apoio de 84% da população.

A força da primeira greve e do plebiscito popular contra as privatizações, bem como a aceleração do projeto de privatizações de Tarcísio, trouxeram ainda mais sindicatos e movimentos para a construção de uma segunda greve, em 28 de novembro, inclusive os professores.

Agora, a convocação da greve também incorporou

a exigência de readmissão dos oito metroviários demitidos por lutarem contra os ataques do governo.

CENTRAIS, MOVIMENTOS E PARTIDOS PRECISAM UNIFICAR E IMPULSIONAR A LUTA

Um plano de lutas, que combine as greves com o plebiscito e as mobilizações populares contra as privatizações, pode derrotar o plano privatista de Tarcísio. Mas, para isso, é preciso unificar essa luta. As grandes centrais sindicais precisam mobilizar suas

bases e convocar a paralisação contra as privatizações e pela reestatização das empresas privatizadas.

Também é preciso que as direções dos partidos que estão formalmente contra as privatizações se somem à luta sem titubear. É inaceitável, por exemplo, que figuras públicas, como Guilherme Boulos (PSOL), preocupadas com o impacto eleitoral em sua candidatura à prefeitura de São Paulo, não coloquem toda sua influência a serviço da construção da greve.

PROGRAMA

Contra todas privatizações! Reestatização das empresas privatizadas!

Serviços privados significam tarifas mais altas e pior qualidade, pois só atendem aos lucros dos empresários.

Mas, nossa luta não pode parar no impedimento das privatizações em curso. A Sabesp, hoje, por exemplo, já não é uma empresa 100% estatal. Na verdade, o governo de São Paulo possui apenas 50,3% das ações. O resto é negociado nas bolsas de valores de São Paulo e de Nova Iorque.

É essa burguesia, seja ela nacional ou estrangeira, que vive da especulação e lucra com a piora dos serviços e com a falta d'água na periferia. Por isso, hoje, é preciso incorporar a luta para que empresas e serviços públicos sejam 100% estatais.

A distribuição de energia também precisa ser reestatizada. O pedido do prefeito Ricardo Nunes (MDB) de cancelamento do contrato da Enel é absolutamente insuficiente e demagógico. Nunes também é responsável pelo apagão. Mas ele não é o único.

NA LUTA CONTRA AS PRIVATIZAÇÕES, É PRECISO ENFRENTAR O GOVERNO LULA

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), controlada pelo Governo Federal, é a responsável por fiscalizar e, inclusive, cassar o contrato das empresas que administram esse serviço. Lula precisa cassar o contrato da Enel e estatizá-

-la, imediatamente, e o mesmo deve acontecer com a Eletrobrás, privatizada sob o governo Bolsonaro.

A luta contra as privatizações ainda precisa enfrentar a lei das PPPs, do governo Lula, e a utilização pelo governo federal dos recursos do BNDES para financiar privatizações, como está sendo feito, agora, com a concessão de escolas em São Paulo e com a construção de um presídio privado, no Rio Grande do Sul.

Não menos importante, precisamos lutar pela entrega do controle das empresas e serviços públicos nas mãos de trabalhadores, trabalhadoras e usuários dos serviços. A forma atual de



Piquete da greve unificada no metrô Jabaquara, Zona Sul de São Paulo

administração, na qual as decisões são tomadas por empresários, especuladores ou apadrinhados políticos, serve apenas aos seus

lucros. Uma administração formada por quem usa e trabalha é a única forma de atender aos interesses dos que necessitam os serviços.

ENTREVISTA

Tarcísio demitiu 8 metroviários para tentar intimidar movimento. Exigimos readmissão, já!



Narciso Soares, vice-presidente do Sindicato dos Metroviários

rios. Com bastante luta, esses trabalhadores e trabalhadoras foram readmitidos.

Hoje, a luta contra as privatizações de Tarcísio se combina com a luta pela readmissão daqueles que resistem contra elas. O Opinião entrevistou o vice-presidente do Sindicato dos Metroviários e um dos demitidos, Narciso Soares.

Em primeiro lugar, toda nossa solidariedade diante da perseguição e demissão pelo governo Tarcísio. Você, os outros sete metroviários demitidos e a categoria estão na vanguarda da luta contra as privatizações. Qual relação você vê entre as demissões e essa luta?

Obrigado pela solidariedade. Nós temos recebido muito apoio dos movimentos sociais e da população. Tanto em relação à luta contra as privatizações, quanto pela readmissão.

O plebiscito contra as privatizações mostrou que a população está radicalmente contra elas. Conhecemos as falhas e descarrilamentos nas linhas 8 e 9 da CPTM (trens). Agora, a

Enel está deixando uma multidão sem luz.

A greve foi mais um passo para mostrar que a privatização é uma desgraça e a população apoiou o nosso movimento, por isso Tarcísio perseguiu quem estava à frente dessa luta e preparando os próximos passos dela. O objetivo é tentar amedrontar e barrar o avanço da luta contra as privatizações. Mas, nós não somente não iremos nos amedrontar, como vamos fortalecer a greve.

Tarcísio já enviou pra Assembleia Legislativa um projeto para privatizar a Sabesp. Pretende privatizá-la ainda esse ano, no meio do caos do apagão elétrico. Muitos trabalhadores temem que a privatização do saneamento e da água tenha o mesmo efeito da privatização da energia. Você acha que existe esse risco?

Com certeza. A privatização da Sabesp, se for efetivada, vai trazer um grande prejuízo para a população. Onde a água e o saneamento já foram privatizados, como no Rio de Janeiro, o serviço piorou muito e tem vezes

que a água chega nas torneiras quase com a mesma qualidade de um esgoto. O preço da tarifa também aumentou muito.

Na Bahia, o saneamento foi privatizado pelo governo petista no estado e, hoje, a tarifa social para a população de baixa renda custa R\$ 70,00. Enquanto em São Paulo, em que a Sabesp ainda é estatal, o valor é de R\$ 20,00. Essa conversa de que a privatização vai trazer melhorias para o povo não se comprova na realidade.

Por isso, vamos seguir lutando contra o conjunto das privatizações. Tanto as de Tarcísio, em São Paulo, quanto as que Lula está fazendo em nível federal.

A greve marcada para 28 de novembro contra as privatizações e, agora, também pela readmissão dos metroviários demitidos, está somando, além dos trabalhadores do Metrô, da CPTM e da Sabesp, outros setores como os professores. Como está a construção dessa greve nas bases e com as direções?

O dia 28 vai ser um importante dia de luta, ainda maior do que foi o 3 de outubro. Os

metroviários, ferroviários e trabalhadores do saneamento vão parar, e outros setores estão se somando, como os professores. Algumas fábricas estão indicando paralisações.

Nós achamos que as direções das grandes centrais sindicais deveriam jogar mais peso nessa luta e isso seria fundamental para pressionar ainda mais o governo Tarcísio. E também para nacionalizar a luta contra as privatizações e os ajustes nos estados. A localização da maioria dessas centrais dentro do governo Lula impede que façam uma luta coerente contra as privatizações.

Da nossa parte, vamos seguir mobilizando os trabalhadores e trabalhadoras nos locais de trabalho e buscando construir esse processo unitário, para que consigamos parar o conjunto das categorias no dia 28, expandir essa unidade para mais categorias, exigindo das centrais que mobilizem suas bases, tanto em São Paulo quanto nacionalmente, contra as privatizações e os ajustes.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3MWWNT7](https://bit.ly/3MWWNT7)

Depois da greve de 3 de outubro, o governo Tarcísio resolveu golpear os setores que estavam à frente da luta contra as privatizações e demitiu oito metroviários, além de suspender um outro. Entre os demitidos, estão quatro diretores do sindicato, inclusive o atual vice-presidente, Narciso Soares, e um ex-presidente, Altino Prazeres, ambos militantes do PSTU.

Não é a primeira vez que isso acontece. Na greve da categoria em 2014, o então governador Geraldo Alckmin (hoje no PSB e vice-presidente do governo Lula) demitiu 42 metroviá-

RECEITA PARA O DESASTRE

Caos climático e irracionalidade do capitalismo neoliberal

JEFERSON CHOMA,
DA REDAÇÃO

Na última semana, quase todo o Brasil sofreu com a onda de calor. Por dias consecutivos, os termômetros chegaram a marcar temperaturas entre 35 e 44°. No Rio de Janeiro, a sensação térmica chegou a 60°. Devido ao calor, uma jovem de 23 anos morreu e outras mil pessoas passaram mal durante um show da cantora Taylor Swift. Essa situação absurda foi criada porque a produção do show proíbe as pessoas entrarem com água, para as obrigarem a comprar copos d'água a R\$ 8 no próprio evento.

Em São Paulo, a temperatura superou os 40°C e, por conta de alta exposição ao calor, o estado teve uma disparada de 102,5% nos atendimentos em hospitais e internações, em relação a 2022.

Mas, o calor foi mais intenso nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. No Pantanal, castigado pela

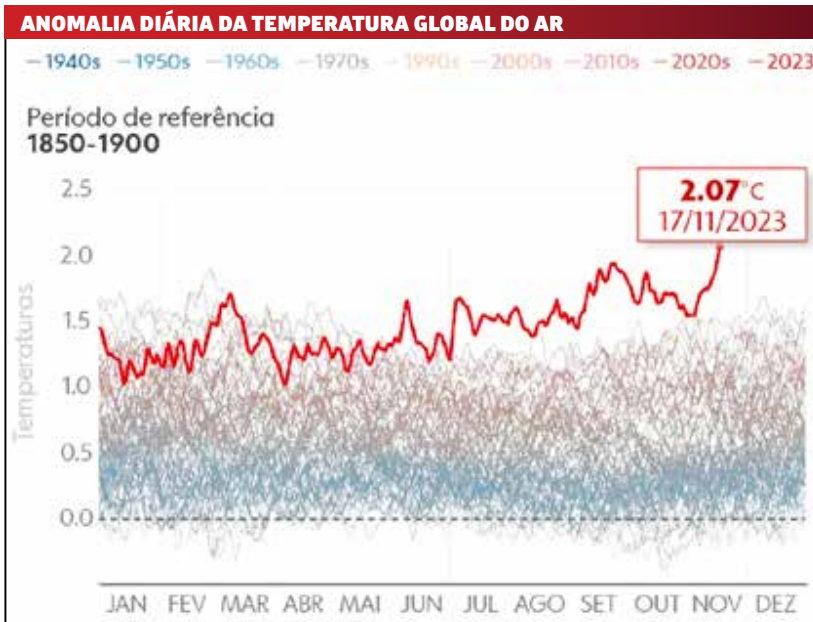
seca, um incêndio incontrolável já consumiu mais de 1 milhão de hectares, o que equivale a um milhão de campos oficiais de futebol.

As mudas de soja, recém-plantadas, secaram devido ao calor e à falta de água. Uma prova da total irracionalidade do agronegócio, que avança destruindo a Amazônia, resultando em menos chuvas e que, no final das contas, acaba se voltando contra o próprio agronegócio e seus monocultivos.

DIAS PIORES VIRÃO...

País afora, onda de calor também vai resultar na quebra de safras de muitos outros cultivos.

Na Amazônia, a seca continua intensa, deixando os rios secos e as florestas vulneráveis às queimadas. No dia 8, uma tempestade de poeira engoliu Manaus, a capital do Amazonas. Manaus também está sob fumaça de queimadas que são as piores já registradas. A seca também produz a salinização da foz do rio Amazonas, deixando



milhares sem água potável, no Amapá. No Sul do país, novas enchentes inundam cidades e castigam a população, sobretudo a mais pobre.

Todos esses fenômenos climáticos extremos estão re-

lacionados ao El Niño, fenômeno climático que aquece as águas do Oceano Pacífico.

No entanto, o El Niño ainda nem chegou no seu auge, que deverá ser em dezembro-janeiro, para quando os me-

teorologistas preveem mais ondas de calor no país, mais chuvas intensas e enchentes no Sul do país, deslizamentos em áreas de encostas e mais secas no Norte e, também, no Nordeste.

AQUECIMENTO GLOBAL

2023 deve terminar como o mais quente em 125 mil anos



O aquecimento global, provocado pela queima de combustíveis fósseis (petróleo, carvão mineral e gás natural), intensifica e torna mais frequentes os fenômenos climáticos como o El Niño. De acordo com cientistas do Observatório Copernicus, da União Europeia, o ano de 2023 deve terminar como o mais quente em 125 mil anos. Os dados do observatório mostram, ainda, que o último mês de outubro foi o mais quente do mundo nesse período.

Entretanto, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), mesmo antes do El Niño, entre 2011 e 2021, o Brasil já havia registrado 52 dias por ano com ondas de calor intenso. O índice representa quase oito vezes

o total verificado nos trinta anos entre 1961 e 1990, quando não ultrapassava de sete dias por ano.

O PLANETA RODANDO NUM CÍRCULO DESASTROSO

Queiram ou não os negacionistas, o aquecimento global é uma realidade e até os relatórios do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas da ONU (IPCC, na sigla em inglês) já apostam que, em breve, vamos cruzar o perigoso limite de 1.5°C a mais do que as temperaturas registradas desde 1850.

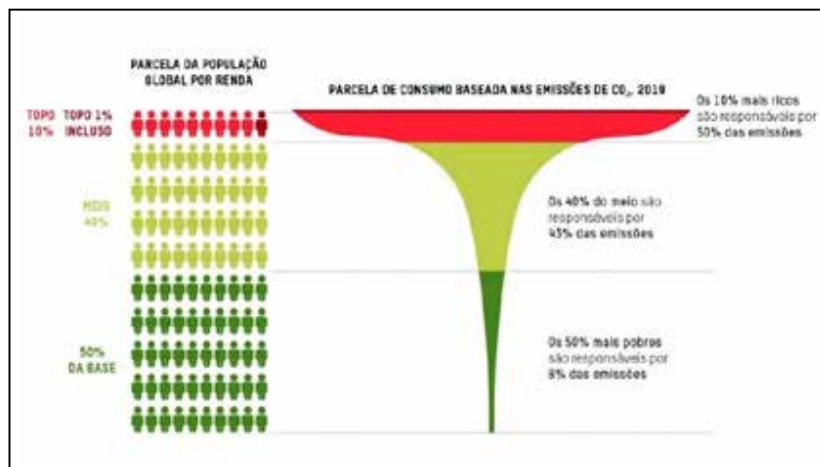
Daí pra frente, o clima poderá se tornar incontrolável e, com um aquecimento superior a 2°C, muitos pontos de ruptura da Terra poderão ser acionados, tal como o dege-

lo do "permafrost" (camada do subsolo da crosta terrestre que está permanentemente congelada); o derretimento das geleiras da Antártida e do Ártico; a acidificação dos oceanos; a transformação da Amazônia em uma savana degradada, entre outros fenômenos que podem retroalimentar o aquecimento do planeta.

O caos climático terá consequências devastadoras para todo o país. Vai resultar em quebras de safras; redução de chuvas, especialmente no Nordeste e no Brasil Central; degradação da Amazônia; possibilidade de novas pandemias; escassez de água nos grandes centros urbanos; e ameaças às cidades costeiras, devido a elevação dos oceanos.

CLIMA E CAPITALISMO

Crise do clima e privatizações preparam o capitalismo do desastre



As mudanças do clima produzidas pelo capitalismo, com o uso voraz de combustíveis fósseis, são o elemento deflagrador de tragédias. Mas elas estão sintonizadas com outra: a tragédia social que produz a imensa desigualdade no país, ampliada nas últimas três décadas pelo neoliberalismo.

Face ao caos climático, a resposta dos governos tem sido mais privatizações, mais cortes em investimentos nas áreas sociais, e sequer existe uma política para construir a infraestrutura

necessária para se preparar para as mudanças climáticas.

PRIVATIZAÇÃO E A APAGÃO

O apagão do dia 3 de novembro, em São Paulo, que deixou mais de 2 milhões de pessoas sem luz por cinco dias, nos oferece uma pálida ideia do que está por vir. O apagão foi o resultado trágico da privatização da antiga Eletropaulo, que levou a demissões em massa, terceirizações, cortes de investimentos, aumento nas tarifas e, claro,

apagões. Privatização é isso. Um negócio excelente para os capitalistas – os lucros da Enel saltaram de R\$ 777 milhões para R\$ 1,4 bilhão, de 2019 a 2022 –, enquanto o povo pobre fica no escuro.

MERCANTILIZAÇÃO DA ÁGUA

Se a privatização do setor elétrico resulta em apagão de cinco dias para o povo pobre, é fácil imaginar o que acontecerá com a privatização do abastecimento de água e do saneamento, em um cenário

de caos climático, e a diminuição da disponibilidade de água nos próximos anos.

Essa situação vai ser particularmente nefasta para aqueles e aquelas que enfrentam maior vulnerabilidade social. Até hoje, quase a metade do país não tem saneamento básico. Segundo o Instituto Trata Brasil, em todo o país, cerca de 35 milhões de brasileiros não têm acesso à água tratada e apenas 50% do esgoto é tratado.

Foram as empresas estatais que realizaram as obras de saneamento existentes hoje. Mas, elas estão na mira dos governos estaduais, como a Sabesp, em São Paulo, cuja privatização está sendo levada a cabo pelo governador bolsonarista Tarcísio (Republicanos) e em Minas Gerais, onde o governador Romeu Zema (Novo) investe na privatização da Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa).

As experiências internacionais negativas comprovam que privatização do saneamento significa caos para a população e lucros enormes para as empresas privadas. De acordo com o Instituto Transnacional (TNI), entre 2000 a

2019, 312 cidades em 36 países foram obrigadas reestatizar seus serviços de tratamento de água e esgoto. Entre elas, Paris (França), Berlim (Alemanha), Buenos Aires (Argentina) e La Paz (Bolívia).

TRAGÉDIAS IMPULSIONAM LUCROS

Privatização do saneamento é transformar a água em uma mercadoria. Garante lucros aos capitalistas e desastre para os trabalhadores pobres, que terão negado um direito essencial à vida.

Além de impedir a universalização do saneamento básico em todo o país, a privatização da água vai agravar os efeitos da crise climática. Milhões não terão acesso a um bem essencial para que um punhado de capitalista ganhe dinheiro.

Essa combinação mortal de neoliberalismo e mudanças do clima foi chamada de “Capitalismo do Desastre” pela jornalista estadunidense Naomi Klein. De acordo com a escritora, o capitalismo produz desastres e se aproveita deles para fazer a rapina e ganhar mais dinheiro.

DETER A CATÁSTROFE

O capitalismo destrói! Construamos o socialismo!

No Brasil, a burguesia responde à catástrofe climática com aprofundamento do neoliberalismo, privatizações e as famigeradas Parcerias Públicas Privadas (PPPs). Em suma, à beira do abismo, o Estado capitalista e seus governos estão abrindo novas fronteiras de acumulação de capital para que a burguesia possa lucrar com a tragédia e a morte.

É por isso que a luta pelo meio ambiente precisa ser abraçada pela classe traba-

lhadora, que deve levar essa pauta para os sindicatos, movimentos sociais e organizar as suas bases para enfrentar o caos climático.

A lista de exigências é imensa. Começa por lutar por melhores condições de trabalho face às ondas de calor; maior investimento público em obras de mitigação (alívio) dos efeitos do aquecimento; obras de saneamento, moradia digna e segura e sistemas de alertas eficientes.

Mas, também, é preciso lutar contra as privatizações e por serviços públicos de qualidade; exigir a reestatização do que já foi privatizado; defender a recuperação de ecossistemas e de bacias hidrográficas e, finalmente, exigir a transição energética (com a substituição dos combustíveis fósseis), a partir da nacionalização dos recursos energéticos do país.

A pauta ambiental deve ser combinada com a luta por soberania nacional, com as lutas econômica e por melhores con-

dições de trabalho para a classe trabalhadora, contra o racismo ambiental e toda forma de opressão. Ao mesmo tempo, é preciso superar o capitalismo que leva os seres humanos ao desastre. É preciso construir uma sociedade socialista, fundada na propriedade social dos meios naturais de produção, para que uma nova racionalidade ecológica floresça e harmonize as forças produtivas com a natureza.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/47IA0UX](https://bit.ly/47IA0UX)



CATÁSTROFE

Palestina resiste em meio à nova fase da Nakba



SORAYA MISLEH,
DE SÃO PAULO (SP)

Já são quase 50 dias de genocídio em Gaza e de salto na limpeza étnica na Cisjordânia, territórios palestinos ocupados militarmente por Israel em 1967.

Enquanto ocorrem tratativas para uma “trégua humanitária” na matança, não um cessar fogo total, o sangue continua a ser derramado e desnuda a cumplicidade internacional histórica, que dá aval para a tentativa de “solução final” sionista – a nova fase da contínua Nakba (catástrofe, cuja pedra fundamental é a formação do Estado racista de Israel, há mais de 75 anos).

Apesar da dor, a Palestina resiste e não se curva, ao mesmo tempo que a solidariedade internacional cresce e aprofunda a derrota política sionista.

GAZA: UM GUETO VITIMADO PELA “SOLUÇÃO FINAL” SIONISTA

No gueto de Gaza, onde, há 15 anos, 2,4 milhões de palestinos vivem sob um criminoso cerco israelense, já são mais de 13 mil mortos, dentre os quais a maioria é de crianças e mulheres. Os bombardeios aéreos indiscriminados se combinam com os disparos vindos de tanques e soldados em terra.

Armas químicas e de última geração, garantidas por bilhões de dólares do imperialismo dos

Estados Unidos, seguem sendo lançadas sobre os corpos palestinos. Dos 2,4 milhões de habitantes palestinos, 1,5 milhão foram expulsos, do Norte para o Sul de Gaza – muitos dos quais assassinados por Israel no percurso. O cerco se aprofundou, com corte total de água, energia elétrica, combustível e comunicações.

Os palestinos estão entre morrer de fome, de sede, sem atendimento médico (já que hospitais foram destruídos e não têm condições de funcionar) e, agora, também de frio, com o inverno se avizinhando, ou serem os próximos estilhaçados pelas bombas assassinas israelenses.

MASSACRE TELEVISIONADO

Cenas da barbárie sionista são capturadas pelos jornalistas palestinos, enquanto perdem famílias, amigos, animais, casa, tudo. Às lágrimas, eles iniciam a cobertura: “ainda estou vivo”, “ainda estou viva” – mais de 60 deles já tombaram, juntamente com centenas de médicos, artistas etc. Não há proteção ou lugar seguro em meio a um genocídio.

Suas câmeras e palavras, repletas de indignação e sentimento de abandono pelo mundo, são, ao mesmo tempo, um grito de socorro e resistência. “Para não esquecer: Palestina livre!”, diz um deles. Eles revelam, ainda, que a busca dos palestinos por viverem com dignidade em meio a um genocídio em Gaza, também é um ato de resistência.

Palestinos cortam os cabelos, fazem pão, inventam e reinventam modos de sobreviver; crianças brincam com seus gatos (e os salvam), enquanto a morte segue à espreita. Enquanto isso, a resistência armada se enfrenta heroicamente contra Israel, quarta potência bélica do mundo e enclave militar do imperialismo.

VIOÊNCIA GENOCIDA E INTENSIFICAÇÃO DO APARTHEID

Na Cisjordânia, já são cerca de 300 palestinos mortos somente nestes quase 50 dias, dentre os quais também dezenas de crianças. Nas últimas semanas, os campos de refugiados de Balatah, em Nablus, e de Jenin foram bombardeados, acrescentando à trágica lista dezenas de martirizados pelas forças de ocupação sionistas.

Os ataques e pogroms (perseguições violentas e deliberadas de um grupo étnico ou religioso), realizados por colonos sionistas aumentam. Os presos políticos palestinos se ampliam assustadoramente. Há informações de que, agora, somam de oito a 10 mil – até o começo de outubro, eram 5.200. Israel também tem ampliado as bárbaras torturas e sumido com prisioneiros. Caso do cidadão brasileiro-palestino Islam Hamed, desaparecido há cerca de 40 dias.

Por outro lado, os 1,9 milhão de palestinos que vivem nas áreas ocupadas em 1948 – os chamados cidadãos árabes-



Palestinos migram em massa do norte de Gaza diante dos ataques do Estado de Israel



Palestinos são expulsos de suas terras por grupos terroristas sionistas e o recém-fundado Estado de Israel, na “Nakba” de 1948

-israelenses – estão submetidos à ditadura plena, além das 65 leis racistas que são parte de sua realidade.

Se tentam realizar um protesto contra o genocídio, ou mesmo fazer uma postagem nas redes, um soldado israelense imediatamente bate à sua porta e os detém. Ataques sionistas contra eles têm se elevado, ao ritmo do avanço

na discriminação alimentada pela propaganda para o genocídio e limpeza étnica.

São 13 milhões de palestinos no mundo, metade no refúgio/diáspora, metade sob colonização e apartheid. Por todos, Gaza sangra, mas resiste. Por eles, a comunidade na diáspora segue nas ruas, denunciando e exigindo o fim da cumplicidade internacional.

SOMOS TODOS PALESTINOS

Solidariedade internacional



Milhares de franceses protestam contra o genocídio na Palestina

O grito nas ruas, de norte a sul do Brasil, ecoa manifestações gigantescas em todo o mundo,

que clamam pelo fim do genocídio, do apartheid, da colonização e da cumplicidade internacional.

Embora na América Latina os protestos sejam inferiores aos que se observam em muitas outras partes do mundo, São Paulo conseguiu colocar 12 mil nas ruas, no último dia 4, e prepara outro ato público massivo para o Dia Internacional de Solidariedade ao Povo Palestino, em 29 de novembro.

Segundo o Projeto Aclad, que analisa informações sobre conflitos armados, até 7 de no-

vembro houve 3.700 protestos ao redor do mundo contra o genocídio em Gaza e o salto na limpeza étnica em toda a Palestina ocupada. A solidariedade internacional supera, de forma definitiva, as manifestações pró-Israel, que somaram 520.

Fora do Oriente Médio e do Norte da África, destacam-se, na solidariedade internacional ao povo palestino, as marchas nos Estados Unidos, que incluem

milhares de judeus antissionistas. No coração do imperialismo, também conforme o Projeto Aclad, durante o primeiro mês da matança promovida por Israel, ocorreram 600 protestos.

Na Europa, além das manifestações gigantescas em Londres, que chegaram a reunir um milhão de pessoas, chama atenção a realização de 170 protestos pró-Palestina na Alemanha, onde a criminalização é bastante acentuada.

LULA, ROMPA COM O ESTADO TERRORISTA

Romper relações com Israel



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3G9FVSM](https://bit.ly/3G9FVSM)

– um sinal verde para as milícias sionistas executarem seus planos de limpeza étnica, que culminaram na Nakba de 1948.

ACORDOS COM SIONISTAS PATROCINAM GENOCÍDIO DO POVO POBRE, NEGRO E INDÍGENA

O Brasil é o quinto maior importador de tecnologia militar sionista, posto alcançado a partir dos primeiros governos Lula, quando o país teve papel determinante para que se firmasse o Tratado de Livre Comércio Mercosul-Israel.

O genocida Bolsonaro e sua intolerável propaganda ideológica sionista foram a cereja do bolo azedo. Em meio ao genocídio em Gaza, três Projetos de Decreto Legislativo (PDLs), assinados por Bolsonaro com Israel, foram vergonhosamente aprovados na Câmara dos Deputados. Urge barrar que avancem no Senado e, também, fortalecer o chamado por Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) a Israel – aos moldes da campanha de solidariedade inter-

nacional que ajudou a pôr fim ao apartheid na África do Sul, nos anos 1990.

Nessa mesma direção, também é preciso denunciar que os governos estaduais seguem armando suas polícias para promover o genocídio pobre e negro, assim como o extermínio indígena, com as mesmas armas que matam palestinos. Igualmente, é preciso denunciar e cessar toda forma de cumplicidade entre instituições, empresas e universidades.

CRIMINALIZAÇÃO, PROPAGANDA FALSA E RACISMO

Para tanto, ainda, é necessária uma forte ofensiva para trazer informações e denunciar as mentiras do sionismo, reproduzidas na propaganda de guerra contra o povo palestino pelos meios de comunicação de massa.

Esta propaganda de guerra serve para justificar e alimentar o genocídio e a limpeza étnica, instrumentalizando a criminalização, repressão, censura, perseguição, racis-

mo, xenofobia e islamofobia, também no Brasil.

Contribuindo com a criminalização, o prefeito de São Paulo, Ricardo Nunes, assinou, com a Confederação Israelita do Brasil (Conib), em 14 de novembro, um compromisso da cidade com a nova definição trazida pela Aliança Internacional para Lembrança do Holocausto (IHRA), que equipara antissemitismo a antissionismo.

Isto é algo absolutamente falso, uma vez que antissemitismo é discriminação contra judeus e antissionismo é a crítica ao projeto colonial sionista e ao Estado de Israel. Judeus antissionistas, que se ampliam também no Brasil, já estão denunciando essa falsa associação. Somam-se àqueles que erguem suas vozes: “Não em nosso nome, nunca mais é nunca mais, para todo mundo!”

É necessário barrar essa investida para silenciar as vozes que insistem em estar do lado certo da História e dar um basta à cumplicidade vergonhosa com o genocídio, a limpeza étnica e a contínua Nakba.

LIT-QI

UM PROGRAMA SOCIALISTA PARA A PALESTINA

O genocídio praticado por Israel segue com a invasão terrestre da Faixa e da cidade de Gaza. O avanço nas comunicações traz a brutalidade das práticas nazifascistas, instantaneamente, para o mundo. É preciso construir uma direção revolucionária, que leve um programa que inclua a exigência de uma “Palestina única, laica e não racista”, como parte de um programa de transição, em uma estratégia revolucionária e socialista.

- ✓ Apoio incondicional às lutas do povo palestino!
- ✓ Em defesa de uma nova Intifada! Por uma nova “Primavera dos povos”, um novo levante dos povos do Oriente Médio e do Norte da África contra seus governos!
- ✓ Por um movimento internacional de apoio à luta palestina, com ações de rua, greves e boicotes a Israel!
- ✓ Em defesa da ruptura das relações econômicas, políticas e diplomáticas dos países com Israel!

Pelo fortalecimento da campanha por Boicote, Desinvestimento e Sanções (BDS) contra Israel!

- ✓ Pela formação de comitês de apoio à Palestina.
- ✓ Pela derrota militar de Israel! Armas para a Palestina!
- ✓ Denunciamos os governos do Oriente Médio e do Norte da África, mesmo os que se pronunciam contra o geno-

cídio israelense, como o Irã, por não terem entrado na guerra e deixado Gaza isolada. Exigimos, em particular, a entrada na guerra contra Israel do Irã e do Hezbollah!

- ✓ Defendemos a solidariedade dos povos da Ucrânia e da Palestina, duas guerras de liberação nacionais.
- ✓ Por uma Palestina laica, democrática e não racista. Isso só é possível com a destruição do estado de Israel.
- ✓ Por uma Palestina Socialista!
- ✓ Por uma Federação Livre e Socialista dos Estados do Oriente Médio e Norte da África.

LEIA MAIS



Leia declaração completa da LIT

PALESTINA

Por que nos opomos à solução de dois Estados

FÁBIO BOSCO,
DE SÃO PAULO (SP)

O principal partido palestino chama-se Al-Fatah. Formado em 1958 por um grupo de jovens, dentre os quais Yasser Arafat, o partido defendia a libertação de toda a Palestina, através da luta armada, inspirado na luta argelina, na África, contra o imperialismo francês.

A solução de dois Estados consiste na formação de um mini-Es-

tado palestino ao lado do já existente Estado racista de Israel. O objetivo desta “solução” é legitimar o Estado racista de Israel e sua política de apartheid e limpeza étnica contra o povo palestino, desenvolvida ao longo dos últimos 75 anos.

Esta “solução” não restitui os direitos do povo palestino às suas terras. Apenas legaliza o roubo destas terras pelo Estado de Israel. Além disso, até mesmo aqueles que dizer defender

essa “solução”, tampouco, até o momento, garantiram a formação de um Estado Palestino.

PROMESSAS NÃO CUMPRIDAS DE UMA SOLUÇÃO QUE NÃO RESOLVE

A formação de um Estado palestino foi prometida pelo imperialismo em dois momentos. A primeira vez, em 1947, por ocasião da votação da partilha da Palestina, pela Organização

das Nações Unidas (ONU), com o apoio das duas superpotências da época, os Estados Unidos e a União Soviética.

A segunda, em 1993, quando foram assinados os Acordos de Oslo, nos quais a Organização pela Libertação da Palestina (OLP) reconheceu o Estado de Israel, estabelecido sobre 78% das terras palestinas, e, em troca, recebeu um plano para a formação de um mini-Estado palestino. Em ambas

ocasiões a promessa de um Estado palestino não foi cumprida.

Caso o avanço da luta palestina obrigue o imperialismo a aceitar um mini-Estado palestino, ele também não seria uma solução, pois não garante o direito de retorno dos seis milhões de palestinos refugiados às suas terras, nem qualquer alteração do caráter racista do Estado de Israel, que continuaria a oprimir os palestinos.

Acordos de Oslo reafirmaram impossibilidade da solução dos “dois Estados”

QUAL ESTADO?

Democratizar Israel é possível?

Entre os apoiadores da causa palestina, há um movimento que defende a formação de “Um Estado Democrático” (ODS, sigla de “One Democratic State”, em inglês).

A maioria dos defensores desta proposta entende que o avanço da colonização israelense inviabilizou a “solução de dois Estados”.

Parte deles também entende que é impossível derrotar o Estado de Israel, dada à militarização de sua sociedade, ao seu poderio bélico e ao amplo financiamento imperialista. Por fim, defendem que é uma solução igualitária, para todos os

atuais habitantes da Palestina.

Por isso, defendem um Estado único, com direitos iguais para israelenses e palestinos e com o direito de retorno para os refugiados palestinos. Também privilegiam os meios pacifistas para conquistar a igualdade para os palestinos, reformando o Estado de Israel.

É IMPOSSÍVEL REFORMAR UM ESTADO ALICERÇADO NO APARTHEID

No entanto, é impossível mudar a natureza racista das instituições do Estado de Israel através de sua democratização porque Israel não é um Estado

burguês normal; mas, sim, um Estado de apartheid, um Estado que se baseia na limpeza étnica permanente dos palestinos e um enclave imperialista no Oriente Médio.

As instituições do Estado israelense têm que ser desmanteladas e um outro Estado, com instituições verdadeiramente democráticas, precisa ser formado, para garantir os direitos do povo palestino à autodeterminação.

Para este fim, o povo palestino tem o direito de utilizar os meios necessários, sejam eles pacíficos ou não, para derrotar Israel, seu chefe imperialista

e seus aliados, sejam entre os regimes árabes e sejam entre a burguesia palestina.

Quanto à atual população israelense, é necessário lembrar que em uma situação de opressão, nossa atenção deve se dirigir, em primeiro lugar, aos oprimidos; neste caso, o povo palestino. Este deve ter todos os seus direitos assegurados.

Quanto aos israelenses, o povo palestino sempre foi um povo generoso e, por isso, aceitará a parte da população israelense que aceitar viver em paz com os palestinos. Já os israelenses que cometeram crimes contra a humanidade, em par-

ticular os líderes sionistas, devem ser julgados e condenados a pagar por seus atos.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3SSGCAO](https://bit.ly/3SSGCAO)

PROGRAMA

Palestina laica e democrática

A proposta original da Organização pela Libertação da Palestina (OLP) é a de uma Palestina livre, laica (sem qualquer tipo de determinação religiosa) e democrática em todo o seu território histórico. Ou seja, do

Rio Jordão ao Mar Mediterrâneo.

Esta é a única solução que garante justiça ao povo palestino; isto é, a igualdade de direitos, o retorno dos refugiados e a autodeterminação. Ela será conquistada por uma luta da classe

trabalhadora e dos setores oprimidos palestinos, em conjunto com a classe trabalhadora árabe e internacional, enfrentando os três inimigos da causa palestina: Israel/imperialismo, regimes árabes e burguesia palestina.

Uma vez no poder, a classe trabalhadora palestina, naturalmente, implementará medidas de ruptura com o imperialismo e o capitalismo para garantir justiça social para trabalhadores, trabalha-

doras e a juventude. Nesse combate, uma outra onda de revoluções árabes acontecerá e criará as condições para a formação de uma Federação de Repúblicas Socialistas do Oriente Médio.

ARGENTINA

Nenhuma trégua! A luta contra o novo governo começa hoje mesmo



PSTU-ARGENTINA

Javier Milei venceu por uma ampla diferença e será o novo Presidente. Já conhecemos seu programa anti-operário, agora apoiado por Mauricio Macri [ex-presidente argentino, de 2015 a 2019], que declarou que o fracasso de seu governo se deveu ao seu “gradualismo”, por não ter realizado reformas contra o povo de forma rápida

Milei em seu discurso ratificou que avançará imediatamente em seu plano contra a classe trabalhadora; de submissão ao Fundo Monetário Internacional (FMI) e aos Estados Unidos; de abandono da causa das Malvinas; contra todos os direitos trabalhistas; das minorias; das mulheres. E de defesa da “propriedade privada” capitalista. Seu futuro gabinete expressa exatamente isso.

Devemos nos preparar para um ataque brutal e rápido. O ultraliberal tentará se mostrar confiável diante do imperialismo e dos grandes patrões que duvidam de sua capacidade de governar.

Para isso, é necessário enfrentá-lo desde o primeiro dia nas ruas, nas fábricas, nos locais de trabalho, nas escolas e nos bairros, com a maior unidade operária e popular.



Presidente recém-eleito na Argentina, Javier Milei

Não pode haver “trégua”, nem um dia de espera. Pagaremos caro por toda demora em organizar a resistência.

A CGT [central sindical argentina], os sindicatos, as organizações sociais devem mostrar desde o primeiro dia sua disposição de não permitir nenhum retrocesso. É seu dever.

Mas não confiamos que o farão. Assim como permitiram os desastres de Macri em seu momento, ou com Menem [ex-presidente argentino, de 1989 a 1999] nos anos 90, estarão preocupados em conseguir um “diálogo” com o novo Presidente.

Exigimos que convoquem imediatamente um plano de luta contra todas as medidas anti-operárias e contra qualquer tentativa de repressão por parte deste novo governo que admira a ditadura militar. Que propõe privatizações, redução dos gastos públicos, desmantelamento da Educação, Saúde e Ciências Estatais públicas. Enfim, é seu plano de submissão ao FMI.

Devemos organizar essa resistência desde a base, desde as bases operárias e populares, as únicas com capacidade para enfrentar o que está por vir.

O PERONISMO MOSTROU SUA IMPOTÊNCIA.

Sergio Massa foi incapaz de se reerguer. É o resultado do desastroso governo que o peronismo conduziu junto a Alberto e Cristina Fernández. A vitória de Milei só pode ser explicada pela raiva e pelo cansaço da maioria da população com os últimos governos.

É que o peronismo e suas diferentes alas estão todos a serviço dos diferentes setores empresariais, com a cumplicidade dos líderes sindicais que os seguem. Não tem a convicção nem a força para enfrentar a “direita”.

Que essa raiva tenha sido capitalizada por uma variante de extrema direita “antissistema” deve fazer as forças de esquerda refletirem, que não souberam canalizar nem mesmo uma parte dessa raiva.

NEM UM DIA DE TRÉGUA!

Desde o PSTU convocamos a classe trabalhadora e o povo a enfrentar o ataque que se aproxima, sem esperar que as lideranças o façam.

Convocamos aqueles que votaram em Massa sem convicção a se unirem e combaterem a vitória de Milei.

E também muitos trabalhadores que votaram em Milei por raiva ao atual governo.

Mais cedo ou mais tarde, Milei irá mostrar a sua submissão ao FMI e às multinacionais, ao poder dos Estados Unidos e aos empresários, assim como suas medidas contrárias aos mais elementares direitos sociais e liberdades democráticas. Os prejudicados seremos nós, os trabalhadores e o povo pobre, não importa em quem tenhamos votado.

Precisamos alcançar a maior unidade para enfrentar este ataque, como o primeiro passo para construir um novo projeto operário e popular, revolucionário, que enfrente e exproprie os grandes capitalistas, exproprie as multinacionais que saqueiam nossos recursos e destruam o meio ambiente. Que pare de pagar a fraudulenta dívida pública interna e externa, e coloque todos esses recursos a serviço das necessidades populares, e acabe com a inflação.

Ou seja, um projeto que promova a verdadeira mudança que precisamos: uma revolução operária e socialista que leve a classe trabalhadora ao poder e inicie o caminho do socialismo.



Atual presidente da Argentina, Alberto Fernández, e Cristina Kirchner

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/47FDGGX](https://bit.ly/47FDGGX)

20 DE NOVEMBRO

Atos públicos por todo o Brasil marcam o Dia da Consciência Negra

Em todas as regiões do Brasil foram realizados atos públicos em referência ao Dia da Consciência Negra. A luta por reparações, pela titulação das terras quilombolas e pelo fim do genocídio do povo preto deram o tom dos protestos. A solidariedade ao povo palestino, que sofre com o racismo, o apartheid, a limpeza étnica e as bombas do Estado genocida de Israel, também marcou os protestos, acompanhado da exigência do cessar-fogo em Gaza e que o governo Lula rompa as relações com Israel.



DA REDAÇÃO

O Opinião Socialista faz um giro por algumas atividades realizadas de Norte a Sul do Brasil.

BELÉM (PA)

Na capital paraense, foi realizada, no dia 19, a 10ª edição da Marcha da Periferia, na Terra Firme, bairro periférico e um dos mais populosos da cidade.

“Este ano falamos dos problemas das periferias, como a falta de saneamento e asfalto nas ruas. Também falamos da violência, pois em recente pesquisa feita pelo Observatório Racial, o Pará é o 3º estado onde mais morrem pessoas negras nas mãos de policiais. Isso é um absurdo e revela, mais uma vez, o racismo, bem como a falta de políticas públicas de governos como o de Hélder Barbalho (MDB) para a população negra”, afirmou Wellington Macêdo, dirigente



Ato em Belém - PA



Ato na Brasília - SP

te do PSTU-PA e ativista do Quilombo Raça e Classe.

BRASILÂNDIA (SÃO PAULO/SP)

Convocada pela CSP-Conlutas, o Movimento Luta Popular e o Comitê Brasilândia: Nossas Vidas Importam, a Marcha da Periferia da Brasilândia, na periferia da Zona Norte de São Paulo, reuniu dezenas de pessoas que foram às ruas denunciar o racismo sustentado pelos governantes e poderosos e, também, exigir reparações e garantia de direitos.

“Neste ano, realizamos a 9ª marcha. Além do comitê

Brasilândia: Nossas Vidas Importam, movimentos sociais, sindicais e da juventude vieram fortalecer essa caminhada. Com o tema ‘Queremos viver, não apenas sobreviver’, levamos às ruas do bairro as lutas por serviços públicos de qualidade e contra o encarceramento de jovens negros. Também emitimos nosso apoio aos metroviários demitidos”, pontuou Israel Luz, militante do PSTU e integrante do Comitê Brasilândia: Nossas Vidas Importam.

O ato encerrou na Casa Luiza Mahin, em um sarau com artistas populares e um almoço solidário.

SÃO PAULO (SP)

A Avenida Paulista foi o palco da 20ª Marcha do Dia da Consciência Negra em São Paulo. A militância do PSTU esteve presente e cobrou medidas de reparação pela escravidão, o fim do genocídio e do encarceramento da juventude negra.

Essas lutas também foram combinadas com a solidariedade ao povo palestino.

“Hoje, viemos às ruas lembrar Zumbi e Dandara, a resistência de Palmares e de todos os quilombos que foram erguidos pela libertação de negras e negros africanos escravizados no Brasil. Seguimos, até hoje, resistindo e lutando por liberdades. Lutamos por reparações históricas. Lutamos em defesa de nossas vidas, já que somos os alvos preferidos das balas da polícia. Lutamos por

Secretaria Nacional de Negras e Negros do PSTU.

A militante do PSTU e ativista palestina Soraya Misleh conectou a luta contra o racismo no Brasil ao racismo que o povo palestino sofre com o sionismo de Israel. Conectou o genocídio do povo preto nas periferias do nosso país com o genocídio praticado por Israel contra o povo palestino.

“Estamos nas ruas contra o extermínio do povo negro e indígena no Brasil e também contra o racismo que



Ato na Avenida Paulista - SP

melhores condições de vida, já que negras e negros desse país moram na periferia, ocupam os piores postos de trabalhos e recebem os piores salários. Lutamos contra o sistema capitalista, que segue nos oprimindo e nos explorando”, disse Vera, da

transforma os nossos corpos em alvos de balas, aqui e na Palestina, para seguir nos explorando e nos colonizando. Essa marcha é muito importante para levantarmos as nossas vozes. Vozes da resistência preta. Vozes da resistência palestina. As



armas que matam na Palestina são vendidas por Israel para matar o povo preto no Brasil. Cobrar do governo Lula a ruptura das relações com Israel é parte da nossa luta e da nossa resistência. Palestina livre do rio ao mar. Povo preto resiste”, afirmou Soraya Misleh em seu discurso.

RIO DE JANEIRO (RJ)

Na cidade do Rio de Janeiro, o ato no dia 20 foi realizado no bairro de Madureira e foi convocado por entidades do movimento negro, a exemplo do Quilombo Raça e Classe, centrais sindicais, movimentos sociais e partidos políticos.



O tema das reparações ao povo negro por quase quatro séculos de escravidão foi destaque no protesto. “O tema das reparações está ganhando relevância e entrou em outro patamar. No dia 18, tivemos a audiência que debateu o papel do Banco do Brasil no financiamento do tráfico de escravizados. Foi um encontro histórico, na quadra da Portela. Essa cobrança não é meramente à instituição Banco do Brasil, mas ao Estado brasileiro, que se construiu em base ao tráfico e ao castigo corporal de nossos antepassados. As entidades do movimento ne-

gro não podem vacilar frente a esse momento, como fizeram durante os 14 anos dos governos do PT, que não fizeram essa cobrança. Hoje, esse debate foi resgatado e as entidades do movimento negro, para serem coerentes, devem serrar fileiras nessa luta. Não vamos aceitar vacilação”, discursou Elias José, militante do PSTU e do Quilombo Raça e Classe.

RECIFE (PE)

Realizado no domingo, dia 20, o ato na capital pernambucana foi convocado pela Articulação Negra de Pernambuco, teve como centro a denúncia sobre a priva-



e Popular (CSP) – Conlutas, em parceria com a Associação Kingongo, do Quilombo Quingoma, o Movimento Aquilombar, o Movimento Nacional Quilombo Raça e Classe, o Movimento Mulheres em Luta (MML), o Coletivo Posse Conscientização e Expressão (PCE), o Coletivo Rebelião e a Secretaria de Negras e Negros do PSTU.

ESTÂNCIA (SE)



Foi realizado uma roda de conversa no Quilombo Porto D’Areia sobre autorreconhecimento quilombola e o engajamento na luta para avançar nas reparações ao povo quilombola.

A atividade ocorreu na Escola Quilombola Gilberto Amado, como parte do 9º Encontro Cultural do Quilombo Porto d’Areia, que segue com diversas atividades até o dia 26.

BELO HORIZONTE (MG)

Na capital mineira, um ato convocado por diversas entidades sindicais, políticas e movimentos sociais foi realizado na Praça 7. Além da luta pelas reparações históricas ao povo negro, que durante quase quatro séculos foram escravizados para garantir o abastecimento do capitalismo em formação no Brasil, o ato pautou a solidariedade com todos os oprimidos que, hoje, se enfrentam com as bombas capitalistas, como o povo palestino, que luta contra o massacre promovido por Israel. Também foi cobrado o fim da intervenção militar da ONU no Haiti.

FLORIANÓPOLIS (SC)

O PSTU foi parte da organização e convocação unitária da manifestação que saiu do Largo da Alfândega e percorreu as ruas de Florianópolis, no dia 20. Com o lema “Povo negro vivo, povo negro forte!”, o protesto fez ecoar nas ruas o combate ao racismo, à violência policial, à legislação racista expressa na Lei Antidrogas, de 2006, e contra a privatização dos presídios. Lutas estas que, este ano, se fundem com a luta contra os ataques racistas e genocidas de Israel contra a Palestina.

PORTO ALEGRE (RS)

O ato realizado no dia 20 foi construído de forma unitária por diversas entidades sindicais, po-

líticas e movimentos sociais. A caminhada, que percorreu as ruas centrais de Porto Alegre, teve início na Esquina Democrática e seguiu até o Largo Zumbi dos Palmares.

“O governo Bolsonaro atacou duramente o movimento negro. Não titulou nenhum quilombo, como tinha prometido. Hoje, a tarefa do movimento negro é lutar de forma independente e cobrar do governo Lula a promessa feita em campanha de titulação dos territórios quilombolas. Também, é que preciso cobrar de Lula a revogação do decreto de privatizações dos presídios. Na cidade de Erechim, em nosso estado, o presídio está sendo privatizado, transformando as pessoas presas, que, sabemos, são negras em sua maioria, em mercadoria, já que o modelo de concessão prevê taxa mínima de lotação, impõe repasse por preso, e abre espaço para exploração de trabalho forçado”, denunciou Alexandre Nunes, no carro de som, em sua fala em nome do PSTU.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3RC9YZK](https://bit.ly/3RC9YZK)



CALENÁRIO DE ATIVIDADES



– **17ª Marcha da Periferia em São Luís (MA)**
Dia 26, às 15 horas, com concentração no Viva Liberdade



Debate “Lutar contra o racismo e a violência”, com Wilson Honório da Silva, na Zona Leste de São Paulo
Dia 25, às 16h, no Quilombo das Rosas (Av. General Lamartine, 2E, próximo à Estação Guilhermina)

MINAS GERAIS

Servidores fazem 48 horas de greve geral para derrotar Zema e seu regime de recuperação fiscal

**GERALDO 'BATATA',
DE CONTAGEM (MG)**

Após todo o processo de mobilização e greve geral no dia 7 de novembro, os servidores estaduais aprovaram aprofundar ainda mais essa luta e definiram 48 horas de greve geral, nos dias 21 e 22 de novembro, contra o Projeto de Recuperação Fiscal (RRF) enviado pelo governo de Romeu Zema (Novo) à Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALEMG).

Servidores da Educação, da Saúde, da Segurança Pública, da Administração Pública, do Judiciário estadual e autarquias, além de trabalhadores da Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), Companhia de Saneamento de Minas Gerais (Copasa), Companhia de Gás de Minas Gerais (Gasmig) e outras estatais, cruzaram os braços no dia 7, demonstrando força e unidade do movimento.

A mobilização vem crescendo por conta da intransigência do governador Zema, que faz de tudo para avançar com seu projeto de desmonte dos serviços públicos, privatizações e entrega das riquezas do estado para o capital



financeiro internacional.

Nas últimas semanas, o projeto foi aprovado nas Comissões de Constituição e Justiça e na de Administração Pública, ambas controladas pelo governador. Diante disso, a resposta do movimento foi ganhando força e crescendo gradativamente. Caso Zema não recue, o funcionalismo pode avançar para uma greve geral por tempo indeterminado, até a retirada desse projeto.

**A ARMADILHA DE
RODRIGO PACHECO**

Com o crescimento da resistência e da mobilização, que acaba impactando

os deputados estaduais, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), que está em campanha para governador, em 2026, tenta construir um processo de negociação junto ao governo federal, o que seria uma saída para Zema.

Pacheco reuniu-se com representantes da ALEMG, com os quais discutiu alternativas ao atual Regime de Recuperação Fiscal (RRF). Dentre elas, estaria a federalização das estatais Cemig, Copasa e Codemig, em troca de parcelas da dívida pública, medida que retiraria essas estatais da exigência de realização de plebis-

cito popular para privatizá-las, no atual ou num futuro governo. E, além disso, ainda existem muitas dúvidas e suspeitas quanto ao real valor e a origem dessa dívida com a União.

Houve, ainda, o recebimento de créditos e acordos do estado mineiro com empresas, como no caso dos crimes da Vale, em Mariana. Diante de tudo isso, resta a pergunta: Onde o povo está nessa história?

De qualquer forma, o próprio governador está condicionando qualquer negociação à aprovação do RRF pela ALEMG. A proposta de Pacheco pode se trans-

formar, ao final, numa armadilha que ajudaria Zema a aprovar os ataques e privatizações que pretende desde o início.

**GOVERNO LULA MANTÉM
FINANCIAMENTO DAS
PRIVATIZAÇÕES PELO BNDES**

O Ministro da Fazenda Fernando Haddad entrou em cena no mesmo momento que, inclusive, negocia, no Congresso Nacional, uma proposta de Reforma Tributária que está anos-luz de atacar os privilégios da grande burguesia. O Ministério apresentou uma proposta que flexibiliza regras do atual modelo, mas, no entanto, apresenta a possibilidade de realização de Parcerias Público Privadas pelos governadores.

É importante entender que, até agora, o governo federal mantém todos os compromissos de não tocar nas privatizações realizadas por Bolsonaro. Isso não é novidade, pois, durante os primeiros governos petistas, a Vale, a CSN, a Embraer, dentre outras, não somente continuaram nas mãos do capital financeiro, como receberam financiamentos governamentais para expandir suas operações.

URGENTE

Unificar as lutas em todo o país

A onda privatista é nacional. Em quase todo o país, governadores impulsionam uma mesma cartilha de destruição dos serviços públicos e de privatizações, como em São Paulo, com o governador bolsonarista Tarcísio Freitas (Republicanos).

Mesmo em outros estados, onde já houve avanços nas privatizações, a luta continua para reverter esses processos. É o caso da Companhia Paranaense de Energia (Copel), ou mesmo no Metrô de Belo Horizonte. Além disso, governa-

dores de estados endividados têm se esforçado para aprovar a adesão ao Regime de Recuperação Fiscal, como no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro (que já aderiu, antes, e foi uma tragédia).

Por isso, é muito importante construir, em primeiro lugar, uma mobilização unificada nacional, avançando em direção a uma greve geral nacional, em defesa dos serviços públicos e contra as privatizações.

Esse é um momento importante, porque as categorias estão mobilizadas e a população

de vários estados experimentam o resultado amargo das privatizações e do desmonte dos serviços públicos, em meio ao calor infernal, com falta de energia e de água.

Espontaneamente, fruto das necessidades, têm ocorrido manifestações populares nas periferias das grandes cidades. Uma greve geral nacional pode enterrar definitivamente os planos privatistas dos governadores e reivindicar a reestatização das empresas que já foram privatizadas, buscando, com isso, aces-



so àquilo que é básico, como água e energia, mas também melhoras nos serviços públicos como Educação e Saúde.

**LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/40SE0JB](https://bit.ly/40se0jb)**

TESOURA AFIADA

Governo abre 2024 já com um corte de R\$ 23 bilhões

Após semanas de discussões dentro do governo Lula, envolvendo ministros e a direção do próprio PT, sobre se manteria, ou não, o chamado “déficit zero” (arrecadação, menos gastos, desconsiderando o maior deles: os gastos da dívida pública aos banqueiros), o governo finalmente bateu o martelo e decidiu honrar a palavra de Haddad (e de Lula), quando da apresentação do Arcabouço Fiscal. Vai ter déficit zero, assegurou o governo, para o alívio dos banqueiros.

Não que a alternativa em discussão, uma margem limitadíssima de gastos públicos para segurar a popularidade do governo em ano eleitoral, mudasse alguma coisa de forma significativa. A questão é que, batendo o

pé na meta de zerar o déficit, o governo já vai começar 2024 passando uma tesoura da de, no mínimo, R\$ 23 bilhões no Orçamento.

Esse corte reafirma o fato de que o novo Arcabouço Fiscal nada mais é que um novo Teto de Gastos, repaginado, sem grandes diferenças do que foi imposto durante o governo Temer. Pelas regras do Arcabouço já aprovado, o aumento de gastos do governo deve ficar entre 0,6% e 2,5%.

Ou seja, nem se o país, por uma hipótese improvável, tivesse um surto repentino de crescimento, isso se reverteria em investimentos na Saúde ou na Educação, pois haveria sempre a barreira de 2,5% que, diga-se, é menor que a média de todos os governos anteriores.

Agora, porém, com a meta



de déficit zero, pode ser que nem mesmo esse piso mínimo de 0,6% seja garantido. O que já gera preocupações no governo para uma possível denúncia de crime de responsabilidade, caso o caldo político entorne lá na frente.

O senador Randolfe Ro-

drigues (Amapá, sem partido) já se agita para apresentar uma emenda que resolva esse imbróglio. Mas, o que fica marcado é que, ao contrário do que os defensores do Arcabouço repetem (que, pelo menos, ele garantiria um investimento míni-

mo, ainda que reduzido, em tempos de vacas magras), estamos vendo que nem mesmo isso ele garante.

A única coisa garantida, mesmo, são os bilhões embolsados pelos banqueiros e grandes monopólios financeiros, com os juros da dívida.

RIO DE JANEIRO

Audiência pública cobra reparações do Banco do Brasil por financiamento do tráfico de escravizados



No dia 18, o Ministério Público Federal realizou a audiência pública “Consciência negra e reparação da escravidão”, como desdobramento

do inquérito civil que discute a participação do Banco do Brasil no tráfico de pessoas negras escravizadas e na escravidão no século 19. O ob-

jetivo do encontro, realizado na quadra da Portela, foi ampliar a escuta da sociedade civil e dos movimentos negros e aprofundar o debate sobre as formas de reparação.

O inquérito foi proposto por um grupo de 14 historiadores, de 11 universidades, e busca organizar um movimento de cobrança por reparações históricas por parte do BB, instituições ou empresas que, de alguma forma, tenham participado ou fomentado a escravidão no país. Sendo considerada um crime contra a humanidade, a escravidão é um delito que não prescreve e permite que ações relacionadas ao período ainda possam correr na Justiça.

O PSTU participou da audiência pública e cobrou do governo Lula e do BB repara-

ções materiais e sociais, que são essenciais para combater os efeitos que a escravidão tem até hoje. Só um pedido de desculpa, como fez a presidente do BB, Tarciana Medeiros, é muito pouco.

“Discutir a reparação sobre o Estado brasileiro é compreender a história do que nossos antepassados passaram, entender o presente e as consequências a que essa história nos remeteu. É entender os dados recentes, divulgados nessa semana, da letalidade sofrida por negras e negras nas mãos da polícia brasileira. É perceber que nós somos a minoria no mundo acadêmico, que somos aqueles que recebem os piores salários entre homens e mulheres”, pontuou Elias José, militante do PSTU e do Quilombo Raça e Classe, que in-

tegrou a mesa da audiência.

“O BB é uma instituição, mas nosso debate histórico é em relação à dívida que o Estado brasileiro tem com os afrodescendentes. Não se trata de favor. É um ajuste de contas. Nós queremos as titulações das terras quilombolas, melhores empregos, condições de vida dignas e acesso à Educação livre e democrática”, completou Elias.

“Essa audiência ajuda a somar força na nossa luta. Temos que cobrar do Estado e dos governantes que parem de brincar com a questão negra e racial. Porque nós não suportamos mais. Vamos, a partir dessa audiência, que é um momento jurídico e político, fazer avançar, sobre o Estado brasileiro, o debate por reparações”, finalizou.

25 DE NOVEMBRO

Violência machista e feminicídios explodem, enquanto Lula corta verbas para o combate à violência contra as mulheres



ÉRIKA ANDREASSY DA SECRETARIA NACIONAL DE MULHERES DO PSTU



No mesmo dia 11 de novembro, enquanto o empresário Alexandre Correia agredia violentamente sua esposa e mãe de seu filho, a modelo e apresentadora Ana Hickman, na casa deles, em Itu (SP), não muito longe dali, em Taboão da Serra, outro homem, Ezequiel Ferreira Mendes, confessava o feminicídio a facadas da ex-namorada, Maria Stela Vega Rodrigues.

Em outro canto do país, o corpo de Patrícia Almeida da Silva, desaparecida nove dias antes, era encontrado numa fazenda, na zona rural de Imperatriz (MA), com um tiro na cabeça. O suspeito do feminicídio, Daniel da Costa, ex-marido de Patrícia e contra quem ela tinha uma medida protetiva, devido a ameaças e agressões, segue foragido.

Ainda no dia 11, em Serra (ES), a travesti Bruna (23) também foi encontrada morta, na frente de um quiosque da praia de Castelândia, com 3 tiros (um na nuca, um no pé e outro na barriga). Não há pistas sobre o assassino.

EXPLOÇÃO DE VIOLÊNCIA, FEMINICÍDIOS E TRANSFOBIA

Elas não são exceção. O Brasil vem assistindo a uma explosão de violência machista e feminicídios. No primeiro semestre de 2023, foram 722 feminicídios, 2,6% a mais do que no mesmo período do ano passado. Uma estatística que cresce ininterruptamente desde a aprovação da Lei do Feminicídio, em 2015. 61% das vítimas são mulheres negras.

Este aumento corre em paralelo ao crescimento dos casos de agressão e outros tipos de violência contra as mulheres. Em 2022, foram mais de 18 milhões de registros de violência machista, mais de 50 mil por dia, o equivalente à lotação do Estádio Beira Rio, em Porto Alegre. Mais de um ter-

ço das mulheres brasileiras acima de 16 anos relatam já ter sofrido violência física e/ou sexual, praticadas por parceiros ou ex-parceiros.

O país também segue liderando o ranking do trans-feminicídio (131 casos em 2022). Sozinho, o Brasil acumula 37,5% de todos os casos catalogados no mundo. O México vem em segundo lugar, com 14%, seguido pelos Estados Unidos, com 8%.

Governo corta verbas do combate à violência contra as mulheres

Se depender da boa vontade de Lula/Haddad para investir no enfrentamento à violência contra as mulheres, a tendência é piorar. A proposta de orçamento para 2024 do Ministério das Mulheres (R\$ 89,5 milhões) é R\$ 30,5 milhões menor do que foi em 2023.

Mesmo considerando os R\$ 45 milhões do Ministério da Justiça, para a implementação de políticas de combate à violência de gênero, o total previsto representa pouco mais da metade do orçamento executado 10

anos atrás, em 2014, que foi R\$ 232,4 milhões.

Se dividirmos os R\$ 112,8 milhões previstos apenas para as ações de enfrentamento à violência (R\$ 67,8 milhões do Ministério das Mulheres adicionados de R\$ 45 milhões do da Justiça) pela população feminina do país (104.548.325, segundo o censo do IBGE), o que governo pretende gastar com ações desse tipo em 2024, representa míseros R\$ 1 real por mulher.

Já o projeto do Plano Plurianual 2024-2027, cujas cinco agendas transversais devem orientar a definição de políticas públicas no país, têm, entre elas, a proposta de reduzir em 16% a taxa de feminicídios e em 10% a diferença salarial entre homens e mulheres até 2027.

Para isto, foram reservados R\$ 306,4 milhões para ações exclusivas. Com esse valor, contudo, seria possível direcionar apenas R\$ 10, por ano, para cada mulher em situação de pobreza no país. Alguém acredita que é suficiente?

QUAL O CAMINHO?

Um programa de classe pelo fim da violência e dos feminicídios



A questão dos feminicídios precisa ser enfrentada pelo conjunto da classe trabalhadora e suas organizações, pois somos nós, trabalhadoras e pobres, que estamos sendo mortas pelo machismo.

Precisamos organizar, desde já, uma campanha de emergência nacional contra a violência às mulheres e pelo direito à autodefesa, a partir dos locais de trabalho, de estudo e moradia, sindicatos e associações, e através das mídias e das redes sociais, sendo que essa deve ser parte da agenda dos sindicatos e movimentos sociais.

Devemos exigir que os currículos escolares incorporem o combate à discriminação e à violência de gênero e reivindicar a ampliação dos serviços de prevenção e proteção às mulheres vítimas (Delegacias da Mulher 24h, centros de referência, casas-abrigo, varas especializadas, dentre outros), além de punição exemplar aos agressores.

O COMBATE AO MACHISMO É UMA TAREFA DA CLASSE TRABALHADORA

Não podemos esperar que os governantes invistam no enfrentamento à violência, pois todos eles (sejam de direita ou “progressistas”) governam para a burguesia, que necessita reproduzir a opres-

são e o machismo para seguir dividindo a classe e superexplorando as mulheres trabalhadoras.

Isso não significa abrir mão de seguirmos exigindo desses governos medidas de enfrentamento à violência e denunciando sua ineficiência em resolver essa questão, mas é preciso, junto com isso, mostrarmos às mulheres trabalhadoras que somente por meio da organização independente e da combinação das lutas contra a exploração e a opressão podemos, efetivamente, pôr fim à violência machista e libertar as mulheres trabalhadoras.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://BIT.LY/3UYDBEE](https://bit.ly/3UYDBEE)